

A Identidade Étnica e Linguística do Ítalo-Brasileiro: sua constituição e reconstrução

THE ETHNIC AND LINGUISTIC IDENTITY OF THE ITALIAN-BRAZILIAN:
ITS CONSTITUTION AND RECONSTRUCTION

Vitalina Maria **FROSI** *

Resumo: Este texto aborda a constituição e a reconstrução da identidade étnica e linguística do ítalo-brasileiro do nordeste do Rio Grande do Sul. A análise é qualitativa e baseia-se em três frases dialetais italianas, representativas de autoatribuições do ítalo-brasileiro, por ele produzidas e usadas alternadamente conforme as diferentes fases do processo social e linguístico. O objetivo principal é o de compreender as manifestações de identidade. Descreve, em linhas amplas, a visão primordialista e aborda princípios teóricos de estudiosos que consideram a identidade como um processo de construção e reconstrução, que envolve os indivíduos durante sua vida e que se transmite através das gerações. A compreensão de sua identidade constitui um tema complexo, mas ela é dada pela análise das mudanças socioculturais e linguísticas havidas na comunidade em foco. A identidade de um indivíduo tem vínculos com suas línguas e com o sentimento de pertença a determinado grupo humano. Deste modo, vê-se a possibilidade de o sujeito ter mais de uma identidade. Brasilidade e italianidade são, aqui, aspectos de um mesmo fenômeno. A identidade, em última instância, não existe a priori, é formada e definida historicamente e é plural.

Palavras-chave: Identidade étnica. Processo. Dialeto italiano.

* Mestrado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1989). Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (1997). Atualmente é professora de Bilinguismo e Dialectologia no Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul – UCS. É professora titular do curso de Letras da Universidade de Caxias do Sul. Contato: frosi@terra.com.br.

Abstract: This text approaches the constitution and reconstruction of the ethnic and linguistic identity of the Italian-Brazilian of the northeast region of Rio Grande do Sul. The analysis is qualitative and is based on three Italian dialect phrases, representative of auto-categorization of the Italian descendent, produced by him and used alternately according to the different phases of the social and linguistics processes. The main goal is to understand identity expressions. It describes thoroughly the primordial vision of identity and approaches theoretical principles of scholars who consider identity a constant process of construction and reconstruction which involves individuals during their lifetime and that is reconstructed through generations. The understanding of his identity constitutes a complex matter but it is given through the analysis of the socio-cultural and linguistic changes that took place in the community studied. The identity of an individual is closely connected to his languages and the feeling of belonging to a specific human group. This way, we see the possibility of the subject having more than one identity. Brazilianity and Italianity are both aspects of the same phenomenon. Identity, after all, does not exist beforehand, it is formed and defined historically and it is plural.

Key-words: Ethnic identity. Process. Italian dialect.

Introdução

Este estudo tem como foco a constituição e a reconstrução da identidade étnica e linguística do ítalo-brasileiro da Região de Colonização Italiana do Nordeste do Rio Grande do Sul (daqui em diante, RCI). A análise é qualitativa e fundamenta-se em três frases dialetais italianas representativas de autoatribuições, produzidas e usadas pelos próprios habitantes dessa região, ao longo de sua história, com predominância de uma sobre as outras, consoante as diferentes fases do processo socioeconômico, linguístico e cultural. A história de vida desse grupo étnico minoritário soma hoje 138 anos, a contar de seu início em 1875 até os dias atuais. O estudo teve como objetivo principal compreender as manifestações de identidade deste grupo humano. É comum pessoas de outras regiões do Rio Grande do Sul e de outros estados do Brasil definirem os habitantes da RCI como italianos e constata-se, também, nesse sentido, a existência de um consenso de italianidade entre esses mesmos habitantes. Procuramos, então,

mostrar interfaces presentes nesse fenômeno, algumas de cunho italiano, outras de aspectos gaúchos ou brasileiros. Assim, as reflexões que originaram o presente texto tiveram em conta resultados de várias pesquisas da cultura, da história e da linguagem desenvolvidas na RCI.

A questão da italianidade restringe-se, no presente estudo, ao grupo étnico dessa grande comunidade formada, no presente, por 55 municípios (FROSI, 2003, p. 127-128). Dos primeiros estudos realizados sobre a imigração italiana, destacam-se três obras, uma com amplo desenvolvimento de aspectos culturais e sociais (AZEVEDO, 1975); outra com aporte histórico e econômico (SABBATINI, 1975); a terceira com abordagem do fenômeno da linguagem, com registro dos quantitativos de proveniência dos emigrantes, em nível de regiões e províncias italianas (FROSI; MIORANZA, 1975, 2009). Outros trabalhos de cunho científico, posteriores a esses, efetivados na RCI, estão especificados e referenciados na *Rivista Italiana di Dialettologia. Lingue dialetti società* (BETTONI, 2004, p. 407-413). Dentre os estudos recentes, consideram-se relevantes os resultados de duas pesquisas por apresentarem vínculos estreitos com o fenômeno da identidade dos ítalo-descendentes da RCI. No que a isso se refere, a obra *Estigma* (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010) registra e analisa atitudes linguísticas e mudanças de comportamento sociolinguístico, operadas ao longo da história dos falantes da RCI. A obra *Véniens dans la pampa*, de De Biase (2009), consigna os resultados de uma pesquisa, desenvolvida numa perspectiva antropológica, sobre a dupla identidade dos habitantes da RCI. Movendo-se pelo exame e observação de algumas obras materiais erigidas numa determinada área territorial da RCI, e atenta às programações culturais que têm sido levadas a efeito nessa Região, a antropóloga analisa e explicita elementos constitutivos importantes da identidade vêneta e gaúcha. De Biase (2009) amarra as pontas entre as representações simbólicas de uma e de outra, não deixando escapar, inclusive, o sentido gerado pelo silêncio que acompanha alguns dos relatos de seus entrevistados. Além disso, princípios teóricos de vários estudiosos da questão da identidade serviram de apoio ao desenvolvimento das ideias e ponderações contidas neste texto. Dentre muitos, mencionamos: Guimarães; Orlandi, 1996; Rajagopalan, 1998, 2003; Signorini, 1998; Silva; Hall; Woodwart, 2000; Ferreira; Orrico, 2002; Lopes; Bastos, 2002; Hall, 2006; Hobsbawm; Ranger, 2006; Oliven, 2006; Rajagopalan; Ferreira, 2006; Coracini, 2007; Fabietti, 2008; Remotti, 2008, 2010; Barth, 2011; Coracini, 2011; Poutignat; Streiff-Fenart, 2011.

1 Identidade Étnica e Linguística

A palavra *étnos* deriva do grego, com o significado de raça, povo ou nação, e etnia vale como agrupamento humano baseado em caracteres raciais, linguísticos e culturais (ZINGARELLI, 1983, p. 685). É bastante comum o entendimento de que a identidade se manifesta no sentimento de pertença a um grupo étnico que compartilha de um sistema específico de cultura, representada, por sua vez, por uma língua ou por um dialeto, comuns e vigentes entre os membros desse grupo étnico. Com referência à questão da identidade, Remotti (2010, p. IX) inicia a introdução de seu livro com estes dizeres: “A identidade é um conceito não só largamente empregado, mas também extremamente atraente. A identidade [...] já se difundiu de modo contagioso, e parece que também as pessoas intelectualmente mais argutas não possam deixar de utilizar esta palavra.”¹ Edwards (apud APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 27) pondera que “a língua, como uma das manifestações de identidade mais óbvia, é muito suscetível de substituição e perda. Exatamente por ser tão pública é que se assumiu que a língua é o componente mais importante da identidade.”²

Consoante Mey (1998, p. 84), a “identidade étnica, definida pela maioria como um mérito majoritário, sempre conteve um traço de racismo – racismo entendido aqui como um conjunto de crenças que [...] exclui certas pessoas e aceita outras”. O racismo opera seletivamente, “exclui pessoas em vez de incluí-las” e, portanto, é negativo. Mey (1998, p. 84) adverte que o “racismo é uma ideologia destinada a manter os oprimidos subjugados [...] o racismo é uma forma específica de exploração; é o lado escuro da etnia”.

Identificação étnica é aqui entendida como o sentimento de pertença a determinado grupo étnico, diferenciado por elementos que se opõem aos de outros grupos; no caso dos imigrantes italianos e de seus descendentes na

¹ As traduções contidas neste texto são da responsabilidade da autora. No original: “L’identità è un concetto non solo largamente impiegato, ma oltremodo attrattivo. L’identità [...] si è ormai diffusa in modo contagioso, e sembra che anche le persone intellettualmente più accorte non possano fare a meno di utilizzare questa parola.” (REMOTTI, 2010, p. IX).

² “La lengua, como una de las manifestaciones de identidad más obvias, es muy susceptible de sustitución y deterioro. Exactamente por ser tan pública es por lo que erróneamente se ha asumido que la lengua es el componente más importante de la identidad.”

RCI, pela identificação de seus componentes com uma história de vida comum, pela prática da mesma religião católica, por seus hábitos alimentares, por sua organização social e familiar, etc.. A identidade étnica define-se, assim, pela alteridade, ou seja, um grupo étnico se institui como tal por um conjunto de elementos definidores que o distingue dos de outro grupo. A questão da identidade é, hoje, um tema recorrente entre estudiosos de várias áreas do conhecimento.

Para a descrição e entendimento da etnicidade, Fishman (apud APPEL; MYUSKEN, 1996, p. 25) destacou três dimensões: a paternidade, o patrimônio e a fenomenologia. Em seu estudo, a paternidade compreende tudo aquilo que é herdado em família, transmitido pelos pais aos filhos e destes aos seus, sucessivamente, passando sem interrupção através do tempo, conferindo assim e sempre continuidade a esse fenômeno. A paternidade contém, nesta perspectiva, a ideia de perenidade, uma ligação permanente com os ancestrais, estendendo-se, de igual forma, às gerações futuras. A segunda dimensão explicitada por Fishman é a do patrimônio, entendendo-se por este “o legado recebido da coletividade, perspectivas e comportamentos que nos definem.” Servem de exemplos “os modelos pedagógicos, música, roupa, comportamento sexual, ocupações específicas, etc., que de algum modo se herdam de gerações anteriores.”³ A terceira dimensão da etnicidade posta por Fishman é a fenomenologia “e se refere ao significado que atribuímos à paternidade [...] e ao legado (étnico)” (FROSI, 2008, p. 129). Para Fishman (apud APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 26), “A língua é o símbolo por excelência da etnicidade: a língua dá conta da paternidade, expressa o patrimônio e sustenta a fenomenologia. Um veículo que carrega uma carga de tal valor deve ser considerado igualmente valioso, incluído como parte da carga”.⁴ Appel e Muysken (1996, p. 26) assinalam que “a importância da língua se vê ampliada pelo fato de que se emprega para dar suporte a outras experiências étnicas. Fala-se sobre todo tipo de

³ “el legado de la colectividad, perspectivas y comportamientos que nos definem: modelos pedagógicos, música, ropa, comportamiento sexual, ocupaciones específicas etc., que, de algún modo, se heredan de generaciones anteriores.”

⁴ “la lengua es el símbolo *par excellence* de la etnicidad: ‘la lengua da cuenta de la paternidad, expresa el patrimonio y sostiene la fenomenología. Un vehículo que lleve un cargamento de tal valor debe ser considerado igualmente valioso, incluso parte del cargamento’ (FISHMAN, apud APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 26, grifo do autor).

temas e atividades culturais ou étnicas e, por conseguinte, a língua tem relação com elas”.⁵ Todavia acrescentam que “não existe relação necessária e categórica entre língua e etnicidade [...]. As diferenças étnicas nem sempre formam paralelismo com as diferenças linguísticas e vice-versa”⁶. Dentre os estudiosos dessa questão, alguns defendem uma estreita relação entre língua e etnicidade. Contudo, outros advogam a ideia de que “a língua minoritária ou fala étnica materna não se constitui num aspecto indispensável da etnicidade”⁷.

A etnicidade interpretada em consonância com o paradigma primordialista, também chamado de essencialista, é concebida como algo inato, perene, de caráter inefável, que acompanha o homem desde os tempos remotos num prosseguimento sem fim. Nessa linha de pensamento, a etnicidade pode ser comparada a uma corrente distendida no tempo. O primeiro elo remonta à ancestralidade, ao passado primordial; os demais anéis, unidos ininterruptamente, vão compondo a trajetória das sucessivas gerações, chegando ao momento presente e daí avançando, de igual modo, para o futuro, num movimento sem fim. Vale dizer, nessa concepção, a etnicidade, além de existir *a priori*, permanece numa extensão continuada, ininterrupta e eterna.

Ao referir-se à etnicidade como dado primordial, Putignat e Streiff-Fenart (2011, p. 87) consideram que, apesar de ser, atualmente, avaliada “como ultrapassada pela maioria dos autores”, a concepção primordialista representa “o ponto de apoio a partir do qual foi elaborada a maioria dos conceitos posteriores”. De acordo com esses estudiosos, “a importância da concepção primordialista como polo teórico liga-se ao fato de ela postular uma especificidade das ligações étnicas baseada no caráter inefável, irracional e profundamente ressentido dos sentimentos inspirados por eles” (PUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 87). A ideia de continuidade

⁵ “La importancia de la lengua se ve amplificada por el hecho de que se emplea para sostener otras experiencias étnicas. Se habla de todo tipo de temas y actividades culturales o étnicas, y, por lo tanto, la lengua tiene relación con ellas.” (APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 26).

⁶ “no existe relación necesaria y categórica entre lengua y etnicidad. [...] Las diferencias étnicas no siempre hallan paralelismo en las diferencias lingüísticas y viceversa.” (APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 29).

⁷ “la lengua minoritaria o habla materna étnica no resulta ser un aspecto indispensable de la etnicidad.” (APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 27).

étnica, apresentada por vários estudiosos, como Epstein (1983), por exemplo, não fica restrita à análise da identificação étnica do grupo hebreu, ela pode ser estendida a outros grupos humanos. O paradigma primordialista, porém, é visto, hoje, com restrições, por muitos estudiosos. O que se observa, atualmente, é uma concepção bastante generalizada de que a identidade étnica é decorrente de um processo de construção, de reconstrução, de invenção. Em sua obra *Contro l'identità*, Remotti (2008, p. 5, grifos do autor) diz:

A identidade é um caso de decisões, é necessário abandonar a visão essencialista e fixista da identidade, para se adotar, em vez, uma de tipo convencionalístico. Na primeira visão [...], a identidade ‘existe’ e somente tem de ser ‘descoberta’; na segunda visão [...], *não* existe a identidade, e, sim, existem modos diversos de organizar o conceito de identidade. Dito em outras palavras, a identidade é sempre, de algum modo, ‘construída’ ou ‘inventada’.⁸

Apesar disso, a concepção primordialista ainda guarda sua importância, sobretudo, porque ela constitui o marco a partir do qual foram sendo elaboradas tantas outras versões de identidade étnica. A identidade étnica existe como oponente da alteridade. Ela se institui precisamente pela diferença em relação a outros: no caso do ítalo-brasileiro da RCI, a identidade étnica desse grupo consiste na soma de suas semelhanças internas e se institui pelas diferenças em oposição às de outros grupos, como do brasileiro, do gaúcho, do alemão, entre outros. “Tudo aquilo que diferencia um grupo de outro constitui a identidade do grupo. Ainda que não haja critérios fixos, um grupo se considera grupo étnico com uma identidade específica quando é suficientemente diferente de outros grupos”⁹ (APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 24).

⁸ “L’identità è un fatto di decisioni, occorrerà abbandonare la visione essenzialista e fissista dell’identità, per adottarne invece una di tipo convenzionalistico. Nella prima visione [...] l’identità ‘c’è’ e ha soltanto da essere ‘scoperta’; nella seconda visione [...], *non* esiste l’identità, bensì esistono modi diversi di organizzare il concetto di identità. Detto in altri termini, l’identità viene sempre, in qualche modo, ‘costruita’ o ‘inventata’.”

⁹ “Todo aquello que diferencia un grupo de otro constituye la identidad del grupo. Aunque no hay criterios fijos, un grupo se considera grupo étnico con una identidad étnica específica cuando es suficientemente diferente de otros grupos.”

Fredrik Barth (2011, p. 193-194), ao referir-se a um grupo étnico como sendo um tipo de organização social, coloca em destaque uma característica fundamental que é a da

... autoatribuição ou da atribuição por outros a uma categoria étnica. Uma atribuição categórica é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente. Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos neste sentido organizacional.

Segundo Hall (2006, p. 108, grifo do autor), o conceito de identidade supõe a ideia de construção: “Esta concepção de identidade *não* assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história.” Diz ainda que “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela.” (HALL, 2006, p. 110). Nessa perspectiva, a identidade se manifesta quando entra em oposição com a alteridade. Rajagopalan (1998, p. 41-42) vincula a identidade à língua, mas explica que ela evolui com a própria língua. Segue um trecho de sua obra em que essa questão é exposta:

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo. Colocamos essa tese na sua formulação mais radical: falar de identidade, seja do indivíduo falante seja da língua isolada, é recorrer a uma ficção conveniente – inofensiva em si mesma, mas definitivamente prejudicial quando essas considerações aparentemente evidentes se tornam a pedra fundamental de elaboradas teorias lingüísticas.

Partindo de Barth, Oliveira (1976, p. 36) elabora a noção de “identidade contrastiva”, considerando-a como a essência da identidade étnica: “quando uma pessoa ou grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma outra pessoa ou grupo com que se defrontam; é uma identidade que surge por oposição.” Para Remotti (2008), a questão da identidade, do sentimento de pertença e da especificidade dos grupos étnicos tornou-se um tema central na época moderna. Remotti observa que a identidade, vista como construção, implica um esforço de diferenciação em face de tudo o que constitui o nivelamento. A identidade é, com efeito, construída diferenciando-se ou opondo-se à alteridade.

Em seu texto *O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?*, Rajagopalan (1998, p. 40) diz: “A identidade individual como algo total e estável já não tem nenhuma utilidade prática num mundo marcado pela crescente migração de massas e pela entremesclagem cultural, religiosa e étnica, numa escala sem precedentes.” Nessa mesma obra, Rajagopalan (1998, p. 42) chama a atenção para o “estado de fluxo” da identidade. Isso significa que a identidade está sempre em processo: a língua evolui, o indivíduo muda e, portanto, a identidade também vai se modificando e se reconstruindo.

2 O Ítalo-Brasileiro: sua identidade étnica e linguística no decurso do tempo.

O entendimento da identidade do ítalo-brasileiro da RCI pressupõe o conhecimento do processo social e das mudanças culturais e linguísticas havidas no percurso da história dessa região. A identidade, em última instância, não é genética, é formada e definida historicamente. Na RCI, três frases básicas, estruturadas e produzidas oralmente em dialeto italiano, são reveladoras da autoatribuição e da afirmação identitária individual e coletiva do grupo étnico-ítalo-brasileiro. Nesse sentido, Barth, citado acima, (2011, p. 193-194), põe em realce “uma característica fundamental que é a da autoatribuição ou da atribuição por outros a uma categoria étnica”. As frases de autoatribuição de italianidade se sucedem no tempo, marcando diferentes fases do processo que define a história de vida desse grupo humano. A seguir, apresentamos uma breve análise dessas frases, relacionando-as, em linhas amplas, com o processo sociolinguístico dessa região.

3 A Identidade Italiana em Solo Brasileiro

No primeiro período da história linguística, econômica e cultural da RCI, houve um processo de translação da cultura da Itália do norte para essa região (AZEVEDO, 1975; FROSI, 1989, p. 36-40). A RCI foi uma área privilegiada em termos de vigência de vários dialetos italianos trazidos na bagagem cultural dos imigrantes. Baseados nos contingentes de imigrantes oriundos das províncias de quatro regiões do norte da Itália – *Veneto, Lombardia, Trentino-Alto Ádige e Friuli Venezia-Giulia* – e, particularmente, tendo em conta suas falas originárias, foi confirmada a vigência de dezoito dialetos italianos falados na RCI, durante os primeiros anos da colonização (FROSI; MIORANZA, 1975, p. 58; FROSI; MIORANZA, 2009, p. 35-48). A RCI era, então, constituída de terras virgens e, dada a falta de vias de comunicação, permaneceu, por algumas décadas, geográfica e socialmente isolada da pátria brasileira e de sua terra de origem. Dentre os primeiros estudos desenvolvidos e publicados sobre o fenômeno imigratório da RCI, além dos que já foram citados acima, ressaltam-se, numa perspectiva sociológica, os de Otávio Ianni (1979); numa visão histórica e econômica, os de Gallo (1976) e os de Franzina (1976). Destacam-se ainda Manfroi (1975); De Boni (1979); Costa (1979); Pesavento (1980); Zugno e Herédia (2002). Muitos outros trabalhos poderiam ser mencionados, de modo particular, os que se consagram como estudos pioneiros.

Os italianos e seus descendentes, na RCI, dedicaram-se, nas primeiras décadas, à agricultura de subsistência. As comunidades fundadas por eles eram, então, tipicamente rurais. Os contatos com os brasileiros e com a respectiva cultura, com sua língua e com seus costumes foram incipientes nesse período da colonização. Desse modo, houve a formação de uma sociedade de tipo vêneto-lombarda em terras brasileiras, nos moldes da que havia ficado no Velho Mundo. De modo generalizado, o italiano e seus descendentes nascidos em solo brasileiro, na RCI, se reconheciam e se identificavam, expressando sua italianidade por meio de seu dialeto materno. Notórias eram as frases dialetais de formulação vêneta *Mi son ‘talian* e *Noantri semo ‘taliani*¹⁰ (Eu sou italiano e Nós somos italianos). De igual modo, essas

¹⁰ Os termos *‘talian* ou *italian*, com o respectivo plural *‘taliani* ou *italiani* eram usados com alternância de um para outro, com o mesmo sentido em formulação dialetal vêneta, obedecendo apenas à concordância de singular ou plural.

mesmas frases eram praticadas pelos falantes de dialetos do grupo lombardo *Mé so 'talià* e *Nun sèm 'talià*¹¹ (Eu sou italiano e Nós somos italianos) – em que os pronomes pessoais *me* e *nun* (eu e nós) aparecem também com as variantes, respectivamente, *mi* e *nóter*: *Mi so 'talian* e *Nóter sèm 'talià*. Tais frases eram produzidas pelos italianos e por seus descendentes e usadas como respostas, sempre que alguém externo a seu grupo étnico ou a seu ambiente de vida quisesse saber algo sobre suas origens. Esta autoatribuição de italianidade teve seu espaço assegurado durante as primeiras décadas da colonização, vale dizer, aproximadamente, de 1875 a 1910, numa área geográfica brasileira, porém caracterizada por um universo de valores e ambiente social de vida e cultura tipicamente italianas.

No documento civil dos filhos de imigrantes, feito em cartório público, constava, obviamente, o registro de nacionalidade brasileira. Essa nacionalidade, entretanto, tinha seu assentamento só no papel; na prática, na vida cotidiana, diziam-se e reconheciam-se, em sua grande maioria, como italianos, não como brasileiros. A alteridade que poderia ser constituída pelos italianos *versus* brasileiros era, por assim dizer, nula. A identidade que permanecia era a da origem étnica italiana; em consonância com a afirmação de Hall (2006, p. 110), “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela.” Nessa perspectiva e em termos amplos, não se deu a formação de nova identidade. As comunidades rurais da RCI eram habitadas por italianos e por seus descendentes. O processo de identificação étnica e linguística manifestava-se na autoatribuição de italianidade, como indivíduos pertencentes a um mesmo grupo étnico, embora existissem diferenças que os marcassem, relativamente à sua origem geográfica, regional e provincial do norte da Itália. A alteridade dava-se, então, entre os próprios componentes do grupo étnico italiano. A etnicidade definia-se como italiana. A identidade linguística era dialetal italiana, opondo falantes de dialetos específicos do grupo vêneto – vicentinos, beluneses, trevisanos, paduanos, veroneses, roviginos e venezianos – a falantes de dialetos particularizados do grupo lombardo – cremoneses, bergamascos, mantuanos, milaneses, brescianos e outros. Além desses dois grupos, numericamente mais representados, havia

¹¹ Os termos *talià* ou *italià*, são invariáveis na função de número singular e plural nos dialetos do grupo lombardo. Os acentos agudos e graves indicam, respectivamente, vogal de timbre fechado e vogal de timbre aberto.

também os trentinos e os friulanos, estes últimos em números pouco significativos. Em termos dialetais italianos, os trentinos, descendentes de migrantes originários de áreas geográficas limítrofes com *Vicenza* e *Belluno*, falavam um dialeto trentino venetizado (cf. FROSI; MIORANZA, 1983). Mesmo assim, aludindo a uma situação histórica própria da Região do Trentino-Alto Ádige que esteve sob o “domínio do Império Áustro-húngaro” até 1917 (FROSI; MIORANZA, 1975, p. 33-34), os trentinos eram, frequentemente, classificados pelos demais ítalo-descendentes como *tirolesi senza bandiera* (tirolezes sem bandeira ou, dito de outro modo, sem pátria).

Nesse contexto, apesar de usos e costumes serem semelhantes, a organização da família, o mesmo credo, as mesmas práticas religiosas católicas, a alimentação idêntica, as mesmas técnicas adotadas na lavoura etc., teve vida um plurilinguismo dialetal italiano, um verdadeiro patrimônio linguístico. A maioria dos habitantes da RCI era monolíngue de dialeto italiano. A comunicação se fazia por meio das variedades dialetais maternas, componentes fundamentais do universo linguístico originário, num clima natural, num tempo difícil, mas de sonhos e esperanças para as famílias desenraizadas do solo pátrio italiano pela pobreza, pela fome e pela miséria. Das frases dialetais italianas, usadas com função de autoatribuição de italianidade, vistas acima, passamos a uma nova formulação, caracterizadora do segundo e terceiro períodos da história sociolinguística da RCI.

4 A Identidade Italiana Silenciada, Impedida

Acompanhando a história linguística e sociocultural, acima indicada em amplas linhas para o primeiro período, observamos que a questão de identificação do habitante da RCI, concebida em nível individual e coletivo, passa, a contar de 1910, aproximadamente – ano marcado pela inauguração da estrada de ferro –, para um novo processo de autocategorização. Tem início, então, o segundo período da história da RCI, que se prolonga até por volta de 1945, começando, a partir dessa data, o terceiro período da evolução sociolinguística que se estende até 1975. Os estudos sobre imigração tiveram desenvolvimento e continuidade, de modo particular, a contar de 1975, ano das celebrações do Centenário da Imigração. Dentre eles, mencionamos: Giron (1994); Perco (1995); Maestri (1998); Sganzerla (2001); Machado (2001); Zugno e Herédia (2002); Pagani (2005).

O mundo da linguagem da RCI abarca, nesse espaço de tempo – 1910 a 1975 –, a fala em dialetos específicos dos grupos vêneto, lombardo, trentino e friulano, a coiné de tipo vêneto e a língua portuguesa marcada por elementos dialetais italianos. A configuração linguística é plural. Essa região possui características próprias nas diversas fases de sua trajetória. Neste período, “A língua portuguesa torna-se o sistema linguístico de prestígio em prejuízo dos dialetos italianos, socialmente estigmatizados” (FROSI, 1989, p. 42). “Sabemos que determinados fatos e ações, com origem no âmbito externo da RCI, tiveram para seus habitantes consequências negativas” (FROSI, 2010, p. 185). A Campanha de Nacionalização do Ensino, iniciada na década de 30 (PESAVENTO, 1980, p. 156-182; SEYFERTH, 1986; ZANINI, 2006) e, alguns anos depois, a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial originaram forte estigmatização sociolinguística. A fala dialetal italiana foi proibida, a de língua portuguesa foi imposta. Houve coação para a mudança em detrimento da cultura e das falas dialetais italianas. Porém, a identidade étnica e linguística não se anula com a pressão de forças externas. “A substituição da língua materna por outra não conhecida, não sabida, estranha à vida da comunidade, causou constrangimento [...], vergonha, medo, sentimento de inferioridade, acabrunhamento, bloqueio, em suma, produziu estigmatização” (FROSI, 2010, p. 185). Houve silêncio: a vergonha de falar causa impotência! “[...] a interdição da palavra étnica feriu a identidade linguística e cultural do ítalo-brasileiro; instaurou o silêncio, a não comunicação no seu próprio contexto de vida” (FROSI, 2010, p. 185). A etnicidade não morre pela pressão social sobre o grupo; a identidade se constrói e reconstrói e pode também ser plural. Além de se autocategorizarem com *Mi son ‘talian nassesto quà* e, na expressão de número plural e, portanto, de sentido coletivo, *Noantri semo ‘taliani nassesti quà*¹² (= *Eu sou italiano nascido aqui* e *Nós somos italianos nascidos aqui*), o ítalo-brasileiro é também assim categorizado pelo outro, pelo brasileiro, por sua fala de língua portuguesa miscigenada de elementos dialetais italianos. Além dessas categorias, outras de sentido negativo lhe são impingidas e usadas correntemente: “colono burro” e “colono grosso”. Fabietti (2008, p. 18) diz que “os nomes dos grupos, dos povos e das etnias

¹² A formulação é feita em dialetos do grupo vêneto, predominantes na RCI, de modo particular, a partir do segundo período da história dessa região.

são, frequentemente, o resultado de uma representação “externa”, fruto de uma elaboração cultural por parte de um grupo dominante”.¹³

Embora, à primeira vista, sua autocategorização pareça incluir uma contradição, as frases – *Mi son ‘talian nassesto quà* ou, abrangendo a coletividade, *Noantri semo ‘taliani nassesti quà* – incitam a uma reflexão mais acurada. Uma análise léxico-semântica, não desvinculada do contexto social em que tais frases eram produzidas e usadas, leva-nos a elucidar sentidos próprios, relacionados à identidade peculiar de cada fase do processo socioeconômico e linguístico da RCI. À policultura é acrescentada a indústria do vinho e, como decorrência, desenvolve-se também o comércio desse produto. A rede viária se amplia, a luz elétrica atende grande parte da população. Os habitantes conquistam mobilidade diatópica e social. A alteridade, em linhas amplas, é constituída pelos habitantes de outras regiões do estado e do país receptor. Aos poucos, é neutralizada a oposição entre falas dialetais antes estruturalmente diferenciadas. O que mais ocorria como oponente ao ítalo-descendente, neste período, era mesmo o brasileiro do sul do Brasil, o gaúcho. Conforme Oliven (2006, p. 10, grifo do autor), os “rio-grandenses consideram-se brasileiros por opção e gostam de frisar sua individualidade em relação ao resto do Brasil. Na construção social de sua identidade eles usam elementos fazendo referência a um passado glorioso dominado pela figura do *gaúcho*”.

Na prática, o binômio italiano/brasileiro tinha como substituto, para o primeiro termo dessa locução, as palavras “colono italiano”, “gringo italiano”, “colono burro” ou “colono grosso”. Como equivalentes ao segundo termo, isto é, brasileiro, era usual a palavra *brasilian* (brasileiro). O gringo italiano também marcava sua alteridade com o gringo alemão, principalmente pela diferença linguística constante entre dialetos italianos e dialetos alemães. Além disso, havia a oposição religião católica/religião protestante. Uma das colônias dos alemães localizava-se em área geográfica limítrofe com a que era ocupada por italianos e seus descendentes. De modo geral, também o sobrenome das pessoas determinava em qual categoria étnica o indivíduo se enquadrava. Nesse sentido, os ítalo-brasileiros se categorizavam, via de regra, como “italianos nascidos aqui” e, se o sobrenome de indivíduos,

¹³ No original: “i nomi dei gruppi, dei popoli e delle etnie sono spesso il risultato di una rappresentazione “externa”, frutto di una elaborazione culturale da parte di un gruppo dominante.”

ouvido por contato, não entrava na categoria de italiano ou na de alemão, esses indivíduos eram subitamente classificados como *brasileiani*. Recorrente era a pergunta “Que sobrenome ele/ela tem?”¹⁴ quando se dava o contato com pessoas externas ao grupo étnico italiano. É nesse período que se estabelece também a oposição urbano/rural.

Apesar do sentido social negativo compreendido nas locuções categóricas *colono burro* e *colono grosso* e a forte estigmatização sociolinguística delas derivadas (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010), o ítalo-descendente, no que foi dado saber, não se autoatribuiu, explicitamente, a categoria de brasileiro. Todavia, a frase *Noaltri semo italiani nassesti quà*, formulada na coiné de características estruturais vênetas, expressava a identidade de todos os descendentes de italianos, durante o segundo e terceiro períodos da história linguística e social da RCI, isto é, respectivamente, de 1910 a 1945 e, de 1945 até 1975 (FROSI, 1989, p. 35-48). De qualquer modo, vão se tornando evidentes o fluxo e a mudança que se processaram ao longo do tempo da RCI. A autocategorização *italiani nassesti quà*, compreende italianidade e brasilianidade. Não mais só italianos e nem tampouco só gaúchos ou brasileiros. “Somos anfíbios”, fazendo uso de um termo dado por Kanavillil Rajagopalan em sua palestra, *Língua, literatura e cultura em efervescência num mundo em pleno processo de globalização*, proferida em 28 de outubro de 2011, no I Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais, ocorrido na Universidade de Caxias do Sul. A etnicidade era comum ao grupo e se definia como italiana, porém a identidade linguística e cultural era dialetal italiana, brasileira e gaúcha, portanto, plural.

5 A Identidade Italiana Proclamada e Revivida

Das afirmações *Mi son 'talian*, depois, *Mi son 'talian nassesto quà*, passamos a uma terceira autocategorização: *Mi son 'talian, grazie a Dio!* (Eu sou italiano, graças a Deus!)

A RCI abriga, a contar das últimas décadas do século XX, um parque industrial. É economicamente forte e expressiva no estado, no país e em alguns outros países. Seus habitantes integram-se no mundo de formas variadas e modernas, há mobilidade social. O fenômeno identitário é

¹⁴ O hábito de perguntar qual é o sobrenome de alguém persiste ainda hoje na RCI.

complexo e plural, apesar da autocategorização *Mi son 'talian, grazie a Dio!*. Essa é uma dentre as identidades do ítalo-brasileiro. Esta frase manifesta uma recuperação e, ao mesmo tempo, cria uma nova autocategorização. Ela subsume um significado especial, poderoso. Está expressa aí uma redenção do que fora proibido, censurado, silenciado por lei, pela força, por determinação do outro, das autoridades político-administrativas do país receptor (cf. PESAVENTO, 1980; SEYFERTH, 1986; SGANZERLA, 2001; PAGANI, 2005; ZANINI, 2006; MALTZAHN, 2009;). Mas, além de um renascer da italianidade há, nos dias atuais, uma programação consciente e articulada desse sentimento de pertença entre indivíduos ítalo-brasileiros da RCI. Essa programação traz no seu bojo interesses políticos e econômicos dos grupos líderes envolvidos. “As questões político-econômicas [...] são habilmente escondidas por trás da exaltação de sentimentos e do fascínio do Vêneto da parte dos descendentes” (DE BIASE, 2009, p. 137).¹⁵ Trata-se de uma representação de elementos materiais e espirituais identificadores da cultura italiana de um tempo já transcorrido (DE BIASE, 2009, p. 119-126). É uma representação ostensiva, principalmente, da cultura material e da linguagem. O bilinguismo apresenta, hoje, solução evidente para o monolinguismo de português. A fala de dialeto italiano revela seu estado de rápida extinção. O grupo étnico minoritário está integrado na cultura majoritária, a função usual e cotidiana de sua língua materna foi sendo subtraída em favor da língua portuguesa.

Ao mesmo tempo em que se configura uma reestruturação da identidade italiana, mais provavelmente, uma invenção dela em solo brasileiro, a programação desenvolvida em torno dessa identidade tem se revelado um empreendimento de sucesso, uma semente lançada em terreno fértil. O efeito foi de uma explosão do que forçosamente fora escondido, bloqueado, nos anos precedentes (FROSI; FAGGION; DAL CORNO, 2010). Os ítalo-brasileiros foram obrigados a silenciar sua língua materna e coagidos a falar uma língua que ainda não conheciam, a língua do outro grupo étnico, a do brasileiro. A frase *Mi son 'talian, grazie a Dio!* está inscrita e é indelével no coração de tantos ítalo-brasileiros. Emerge de um profundo e doloroso silêncio, de uma longa e cruel espera, é, agora, liberada e purificada. Toma

¹⁵ “Les enjeux politico-économiques [...] sont habilement cachés derrière l'exaltation des sentiments et l'attrait de la Vénétie pour les descend ants.”

voz, é desenhada pela escrita, exposta ao público, vai à rua, vai à praça; incorpora adesivos, é colada no para-brisa e no vidro traseiro do carro. Há, nessa frase, a exclusão do outro, do que tem outra origem étnica, outro sobrenome e se expressa na língua desse grupo. Há, em *grazie a Dio*, uma agradável e confortante constatação. Subjaz a essa expressão, a afirmação de que ser italiano é algo bom, positivo. Por mérito de Deus, com sua ajuda, os ítalo-brasileiros recobriram algo valioso que andava nas sombras, coberto de vergonha. O sentimento de italianidade é acompanhado de orgulho étnico. A Ele, Senhor Deus, o ítalo-brasileiro rende graças, por ser italiano e porque ainda se autoidentifica como tal. Mas que italianos são esses?! Que sentimento de italianidade é esse que acompanha os ítalo-brasileiros da RCI nas vicissitudes da vida, que os envolve como a pele ao corpo? Se, por um lado, se toma como verdadeiro e legítimo o que se acaba de expor, por outro, a questão fundamental permanece: que italianidade é essa, a da Itália de tempos idos, a da Itália de hoje? Há uma invenção da italianidade? É uma italianidade mítica? O mais provável é que o ítalo-brasileiro se identifica com o tipo de italiano por ele imaginado, produzido na própria RCI, guardado na memória coletiva, uma identidade que é fruto de um processo cultural e linguístico misto, nem muito brasileira, nem tanto italiana.

Uma breve análise leva a reconhecer diferenças físicas e emocionais que constituem esta identidade plural que não é a do grupo étnico italiano original e que, todavia, se constitui numa identidade étnica e linguística com várias interfaces; trata-se de um grupo *sui generis* próprio da RCI, em convívio harmonioso com o outro grupo étnico com o qual se diferencia. Entendemos grupo étnico como uma organização de pessoas as quais têm uma história de vida em comum. Elas se identificam, por suas semelhanças, sua língua e cultura e, assim, são reconhecidas pelas pessoas não pertencentes a esse grupo. Relembrando Barth (2011, p. 190), o grupo étnico “possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo”. Neutralizando as manifestações oportunistas, festivas e, por vezes, com fins turísticos, que envolvem o fenômeno complexo e real da identidade na RCI, os ítalo-brasileiros podem, com certeza, dizer: somos um grupo étnico com mais de uma identidade, somos italianos, gaúchos e brasileiros; em suma, somos híbridos, somos plurais. Enquanto o sentimento étnico é específico, a identidade se define e se ajusta a mais de um modelo.

Conclusão

Se a evolução do fenômeno sociolinguístico da RCI se estende por quatro períodos (FROSI, 2000, p. 83-91), pode-se também, em virtude das frases de autorepresentação analisadas acima, reunir o segundo e o terceiro períodos numa mesma fase. O primeiro abarca falas dialetais italianas distintas, herança linguística transladada do norte da Itália para a RCI. Os imigrantes identificam-se, então, como italianos, mas opõem-se, internamente, no espaço geográfico brasileiro por eles ocupado, por algumas especificidades: suas falas dialetais, suas lendas, seu folclore, seus contos e canções, seus santos padroeiros. Considerando os grupos numericamente mais representados na RCI, os vênetsos constituíam a alteridade dos lombardos e vice-versa. A frase *Mi som 'talian* ou *Noaltri semo 'taliani* expressava sua autocategorização tendo como oponentes externos a seu grupo, ainda que virtuais, alemães e brasileiros.

A frase “Eu sou italiano” opõe-se a “Eu sou italiano nascido aqui”. Há uma marcação de diferença entre o significado da primeira e o da segunda autoatribuição. Esta esconde sentidos vários como, por exemplo, o reconhecimento por parte do ator de que sua italianidade sofreu um processo de mudança em relação à carga desse sentimento presente na primeira. Pode-se também entender que a locução “nascido aqui” expressa uma aproximação com o brasileiro. Importante notar que tais frases eram proferidas normalmente em dialeto: no primeiro período, com diferenciação que opunha dialetos vênetsos àqueles lombardos; no segundo, com predomínio das características estruturais que definem a coíné de tipo vênetsos (cf. FROSI; MIORANZA, 1983).

A frase *Mi som 'talian, graziê a Dio!* (Eu sou italiano, graças a Deus!) expressa um resgate da identidade étnica e linguística antes reprimida, uma recuperação da italianidade. A força que faz emergir e exteriorizar esse sentimento de pertença ao grupo étnico italiano requer uma reflexão mais aprofundada sobre esse fenômeno. Descendentes de italianos, gaúchos e brasileiros convivem em harmonia no mesmo espaço geográfico e social, levam uma vida comunitária híbrida, compartilham crenças e tradições diferenciadas, sobretudo, todos falam a língua portuguesa, poucos se expressam em dialeto italiano. A ênfase atribuída, atualmente, à fala dialetal italiana na RCI, por alguns segmentos da sociedade local, espelha uma reação própria de defesa e de salvação de uma realidade comprometida e em

processo de extinção. O patrimônio linguístico-dialetal italiano, tanto em nível de produção oral quanto no de compreensão da fala, é atributo de poucos.

Finalmente, uma triagem entre identidade étnica e identidade linguística evidencia a vigência de uma série de elementos caracterizadores da primeira: organização social e familiar, alimentação, trabalho e religião, comportamento e atitudes, modo de reagir entre indivíduos na vida cotidiana, condutas, superstições, preconceitos e outros. A segunda impõe uma dicotomia entre identidade dialetal italiana e identidade linguística da variedade de português da RCI. A identidade dialetal italiana é fraca, restrita a poucos, via de regra, observável no âmbito da RCI; pode-se dizer que se limita às pessoas idosas das comunidades rurais. A identidade linguística, considerada a variedade de português da RCI, marcada por traços dos dialetos italianos, é forte e agrega aos falantes ítalo-brasileiros também indivíduos de outras etnias que têm seu histórico de vida nessa região. Em face desse quadro, a previsão é de que o sentimento de italianidade perdue mesmo com o resultado final em monolingüismo da fala de língua portuguesa em detrimento do dialeto italiano.

Referências

APPEL, R.; MUYSKEN, P. *Bilingüismo y contacto de lenguas*. Barcelona: Ariel, 1996.

AZEVEDO, T. de. *Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Iel, 1975.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. *Teorias da etnicidade*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011. p. 186-251.

BETTONI, C. (Org.). Italiano e dialetti italiani fuori d'Italia. *Rivista Italiana di Dialettologia*. Lingue dialetti società, Bologna, Clueb, a. 28, p. 395-416, 2004.

BIASE, A. de. *Vénitiens dans la pampa*. Antropologie d'une double identité au Rio Grande do Sul, Brésil. Paris: Harmattan, 2009.

CORACINI, M. J. *A celebração do outro*. Arquivo, memória e identidade; línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradição. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

CORACINI, M. J. (Org.). *Identidades silenciadas e (in)visíveis*: entre a inclusão e a exclusão; (identidade, mídia, pobreza, situação de rua, mudança social, formação de professores). Campinas: Pontes, 2011.

COSTA, R. Valores da imigração italiana cem anos após. In: *Imigração Italiana: estudos*. Anais do I e do II Forum de Estudos Ítalo-Brasileiros. Porto Alegre: Est; Caxias do Sul: Educs, 1979. p. 199-207.

DE BONI, L. A. A bibliografia sobre imigração italiana no ano de seu centenário. In: *Imigração Italiana: estudos*. Anais do I e do II Forum de Estudos Ítalo-Brasileiros. Porto Alegre: Est; Caxias do Sul: Educs, 1979. p. 139-145.

EPSTEIN, A. L. *L'identità etnica*. Tre studi sull'etnicità. Torino: Loescher, 1983.

FABIETTI, U. *L'identità etnica*. Storia e critica di un concetto equivoco. 10. ed. Roma: Carocci, 2008.

FERREIRA, L. M. A.; ORRICO, E. G. D. (Orgs.). *Linguagem, identidade e memória social*: novas fronteiras, novas articulações. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FRANZINA, E. *La grande emigrazione*. L'esodo dei rurali dal Veneto durante il secolo XIX. Venezia: Marsilio, 1976.

FROSI, V. M. *Provérbios dialetais italianos*: uma linguagem em extinção. 1989. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FROSI, V. M. Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul: convivência e mescla linguística. In: CARBONI, F.; MAESTRI, M. (Orgs.). *Raízes italianas do Rio Grande do Sul – 1875-1997*. Passo Fundo: UPF, 2000. p. 83-98.

FROSI, V. M. Proveniência dos imigrantes italianos e suas falas dialetais. In: ZUGNO, P. L.; HERÉDIA, V. B. M. (Orgs.). *Seminário Internacional*

Veneto/RS – modelos de desenvolvimento comparados (1945-2000).
Caxias do Sul: Educs, 2002. p. 113-143.

FROSI, V. M. Etnicidade, língua e identidade. *Conjectura: Filosofia e Educação*, Caxias do Sul, v. 13, p. 127-151, 2008.

FROSI, V. M. Bilinguismo de português e dialetos italianos: nossa língua, nossa cultura, nossa identidade. In: FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. *Estigma – cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educs, 2010. p. 179-197.

FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. *Estigma – cultura e atitudes linguísticas*. Caxias do Sul: Educs, 2010.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Movimento, 1975.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: Educs, 1983.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul – processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira*. 2. ed. rev. e aum. Caxias do Sul: Educs, 2009.

GALLO, A. *Colonizzazione agricola e industrializzazione nel Brasile Meridionale – Rio Grande do Sul: la regione di Caxias – Carte Storiche 1893-1925*. Firenze: Cultura Editrice, 1976.

GIRON, L. S. *As sombras do Littorio*. Porto Alegre: Parlenda, 1994.

GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. P. (Orgs.). *Língua e cidadania – o português no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERÉDIA, V. B. M. Apontamentos para uma história econômica de Caxias do Sul, de colônia a município. In: ZUGNO, P. L.; HERÉDIA, V. B. M. (Orgs.). *Seminário Internacional Veneto/RS – modelos de desenvolvimento comparados (1945-2000)*. Caxias do Sul: Educs, 2002. p. 71-86.

- HOBSBAWM, E. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Orgs.). *A invenção das tradições*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 9-23.
- IANNI, O. Aspectos políticos e econômicos da imigração italiana. In: *Imigração Italiana: estudos*. Anais do I e do II Forum de Estudos Ítalo-Brasileiros. Porto Alegre: Est; Caxias do Sul: Educus, 1979. p. 11-28.
- LOPES, L. P. da M.; BASTOS, L. C. (Orgs.). *Identidades – recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MACHADO, M. A. *Construindo uma cidade: história de Caxias do Sul 1875/1950*. Caxias do Sul: Maneco, 2001.
- MAESTRI, M. (Coord.). *Nós, os ítalo-gaúchos*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- MALTZAHN, P. C. Construção e formação da identidade étnica teuto-brasileira: algumas considerações. In: Congresso Internacional de História, 4., 2009, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 2009. p. 4789-4801. Disponível em: <www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/180.pdf>. Acesso em: 26 de dez. 2012.
- MANFROI, O. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul – implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Iel; Dac; Sec, 1975.
- MEY, J. L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade – elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 69-88.
- OLIVEIRA, R. C. de. *Identidade, etnia e estrutura social*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- OLIVEN, R. G. *A parte e o todo – a diversidade cultural no Brasil-nação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- PAGANI, M. F. *O nacionalismo na região colonial italiana*. Caxias do Sul: Maneco, 2005.

PERCO, D. (Org.). *La cultura popolare nel bellunese*. Balsamo (Milano): Amilcare Pizzi, 1995.

PESAVENTO, S. J. O imigrante na política rio-grandense. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (Orgs.). *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. p. 156-194.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J.. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 21-45.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma lingüística crítica – linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

RAJAGOPALAN, K. Pós-modernidade e a política de identidade. In: RAJAGOPALAN, K.; FERREIRA, D. M. M. (Orgs.). *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Mackenzie, 2006. p. 61-80.

RAJAGOPALAN, K.; FERREIRA, D. M. M. (Orgs.). *Políticas em linguagem: perspectivas identitárias*. São Paulo: Mackenzie, 2006.

RANGER, T. A invenção da tradição na África Colonial. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Orgs.). *A invenção das tradições*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. p. 219-269.

REMOTTI, F. *Contro l'identità*. 5. ed. Bari: Laterza, 2008.

REMOTTI, F. *L'ossessione identitaria*. Bari: Laterza, 2010.

SABBATINI, M. *La regione di colonizzazione italiana in Rio Grande do Sul – gli insediamenti nelle aree rurali*. Firenze: Cultura, 1975.

SEYFERTH, G. Etnicidade e cultura: a constituição da identidade teuto-brasileira. In: ZARUR, G. de C. L. (Org.). *Etnia e nação na América Latina*. Washington: Secretaria Geral da OEA, 1996. v. 2. p. 17-36.

- SGANZERLA, C. M. *A lei do silêncio: repressão e nacionalização no Estado Novo em Guaporé*. Passo Fundo: UPF, 2001.
- SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade – elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- SILVA, T. T. da (Org.); HALL, S.; WOODWART, K. *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- ZANINI, M. C. C. *Italianidade no Brasil Meridional – a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria: UFSM, 2006.
- ZINGARELLI, N. di. *Il nuovo Zingarelli – vocabolario della lingua italiana*. 11. ed. Bologna: Zanichelli, 1983.
- ZUGNO, P. L.; HERÉDIA, V. B. M. (Orgs.). *Seminário Internacional Veneto/RS – modelos de desenvolvimento comparados (1945-2000)*. Caxias do Sul: Educs, 2002.